

Companheiras e companheiros, dirigentes sindicais de todos os cantos do Brasil,

membros da nossa direção nacional, da executiva nacional, presidentes de federações, confederações, sindicatos filiados, convidados e parceiros da nossa caminhada.

Sejam todos muito bem-vindos ao encontro nacional da direção nacional da central dos sindicatos brasileiros.

Hoje, ao olhar este auditório repleto de lideranças vindas dos 26 estados da federação e do distrito federal, confesso que estou emocionado.

Se há cinco anos, após a reforma trabalhista e todo o ataque que o movimento sindical sofreu, alguém dissesse que o que estamos fazendo hoje seria possível, talvez poucos acreditassem.

E eu quero iniciar esta fala com um profundo sentimento de gratidão.

Gratidão a todos aqueles que, nos momentos mais difíceis, escolheram construir ao invés de desistir. aos que acreditaram na CSB quando ainda éramos apenas uma ideia ousada. aos que enfrentaram ataques, incompreensões e dificuldades sem jamais abandonar a convicção de que o Brasil precisava — e ainda precisa — de uma central sindical comprometida com o trabalhismo, com a soberania nacional, com a democracia e com a valorização dos trabalhadores brasileiros.

Quero fazer uma saudação muito especial ao ministro do trabalho e emprego, Luiz Marinho, cuja presença muito nos honra.

Saúdo também o coordenador nacional da Conalis do Ministério Público do Trabalho, Alberto Emiliano, cuja atuação firme em defesa do sindicalismo e da organização coletiva merece o respeito de todo o movimento sindical brasileiro.

A companheira Adriana Marcolino, aqui presente, diretora-técnica do Dieese.

O superintendente do trabalho de são paulo, marcus alves de mello

Quero ainda registrar uma saudação carinhosa à nossa secretária nacional da mulher trabalhadora, Antonieta de Cássia, a nossa querida tieta.

E aqui faço questão de destacar um momento vivido recentemente pela nossa central: o encontro nacional da mulher trabalhadora da CSB, realizado em março, reunindo mais de 200 dirigentes sindicais de todo o Brasil.

Foi um encontro extraordinário.

Um encontro que demonstrou que a luta das mulheres trabalhadoras é uma dimensão estruturante do projeto sindical e nacional que defendemos.

Aquele encontro foi motivo de orgulho para toda a nossa central.

Companheiras e companheiros,

Este encontro nacional possui um significado histórico porque nos convida a olhar para trás com responsabilidade.

O que vejo aqui é a consolidação de um projeto sindical, político e nacional.

A presença de cada companheira e de cada companheiro aqui é a prova concreta da consolidação da CSB.

É a certeza de que conseguimos construir uma central sindical como uma das principais expressões do sindicalismo brasileiro contemporâneo.

Há cinco anos, em 2021, realizávamos o terceiro congresso nacional em circunstâncias desafiadoras. O Brasil vivia uma pandemia devastadora. milhares de brasileiros morriam. O medo, a insegurança e a desesperança rondavam o país.

E nós tivemos de realizar um congresso virtual, distante fisicamente, mas profundamente marcante.

Passados cinco anos, podemos dizer sem sombra de dúvidas que atravessamos esse período maior do que entramos.

A CSB se consolidou nacionalmente, ampliou sua presença territorial, fortaleceu suas entidades filiadas, aprofundou sua inserção institucional.

E, sobretudo, consolidou uma identidade própria dentro do sindicalismo brasileiro.

A CSB nasceu com a premissa da representação de sindicatos, pois entendemos com muita clareza que quem representa os trabalhadores são os sindicatos.

E somente com uma representação forte dos sindicatos, que prepare as entidades e seus dirigentes para os desafios, que será possível que os trabalhadores sejam bem representados.

Foi com essa visão que nos firmamos como uma alternativa ao “novo sindicalismo, ao “sindicalismo de resultados” e as correntes partidárias do movimento sindical

Sem abrir mão da acertada unidade, ao mesmo tempo, que jamais abrimos mão da nossa independência.

A CSB escolheu ser herdeira das melhores tradições do trabalhismo brasileiro.

Do trabalhismo da era vargas.

Da construção dos direitos sociais.

Da valorização da negociação coletiva.

Da proteção ao trabalho.

Do modelo sindical brasileiro.

Da compreensão de que o trabalho não é mercadoria.

mas nós não podemos confundir tradição e valores com imobilismo.

Jamais confundir independência com sectarismo.

Jamais confundir firmeza com arrogância.

A CSB cresceu porque soube combinar convicção com renovação, porque soube se posicionar com amplitude, com generosidade e com espírito de contribuição nacional.

Nós nascemos como uma central sindical apartidária. E isso continuará sendo um valor da nossa identidade.

Mas nunca fomos — e jamais seremos — apolíticos.

Porque quem representa trabalhadores não pode ser neutro diante da injustiça social.

Não pode ser neutro diante da retirada de direitos.

Não pode ser neutro diante da fome, da miséria, da desigualdade e da destruição da democracia.

Nós somos agentes políticos.

Somos agentes de transformação.

Nós temos lado.

E o nosso lado é o lado da classe trabalhadora brasileira.

Companheiras e companheiros,

Ao fazermos um balanço dos últimos cinco anos, desde o nosso iii congresso, nós precisamos reconhecer aquilo que conquistamos.

A eleição do presidente Lula representou uma barreira civilizatória.

Representou impedir o aprofundamento de um projeto que tinha como alvo principal os trabalhadores brasileiros, os sindicatos, o serviço público, a universidade, a cultura, a soberania nacional e a própria ideia de solidariedade.

Nós resistimos.

E, ao resistirmos, acumulamos conquistas importantes.

Retomamos o diálogo institucional.

Recolocamos o trabalho no centro do debate nacional com o debate sobre o fim da escala 6x1 e da redução da jornada de trabalho.

conquistamos uma política de valorização do salário-mínimo.

Garantimos a isenção de imposto de renda para quem ganha até cinco mil reais.

Aprovamos a lei de igualdade salarial entre homens e mulheres.

Voltamos a discutir o papel estratégico do estado nacional.

Voltamos a discutir soberania.

E, talvez mais importante do que tudo isso, impedimos que o Brasil mergulhasse definitivamente no abismo do autoritarismo e da barbárie social.

Mas precisamos ter clareza histórica: isso não basta!

Ainda estamos longe de recuperar o patamar civilizatório destruído pela agenda imposta pelo parlamento brasileiro ao país desde 2016.

A precarização continua avançando com as leis que aí estão.

O risco da pejetização indiscriminada segue colocando em risco os vínculos de trabalho.

A financeirização continua sufocando a economia produtiva.

A desigualdade segue ferindo o nosso povo.

E o retrocesso continua organizado, vivo e tentando voltar ao poder.

E aqui quero dizer com toda a firmeza: o nosso maior desafio histórico será derrotar definitivamente o retrocesso que tenta retornar ao comando do Brasil.

Porque a extrema-direita não foi derrotada estruturalmente.

Ela continua organizada.

Continua financiada.

Continua ocupando espaços.

Continua tentando transformar o ódio social em projeto político.

E nós não derrotaremos a extrema-direita apenas com discursos.

Nós só derrotaremos a extrema-direita oferecendo ao povo brasileiro esperança concreta, desenvolvimento, emprego, renda, proteção social e perspectiva de futuro.

É por isso que a mudança do modelo de desenvolvimento brasileiro passou a ser uma necessidade histórica.

Um passaporte inadiável para derrotarmos o extremismo, reconstruirmos a coesão social e devolvermos esperança ao povo brasileiro.

Não existe democracia sólida sobre miséria.

Não existe estabilidade social sobre precarização permanente.

Não existe soberania nacional sem indústria forte, sem tecnologia, sem produção e sem valorização do trabalho.

Companheiras e companheiros,

As nossas lutas do próximo período são históricas.

E elas exigirão unidade do movimento sindical brasileiro.

Unidade verdadeira.

Unidade madura e sem hegemonismos.

Unidade construída na compreensão de que as diferenças políticas não podem ser maiores do que os interesses históricos da classe trabalhadora.

Precisamos de uma grande mobilização nacional pela redução da jornada sem redução de salário com o fim da escala 6x1.

É preciso entender essa agenda como uma necessidade humana. Uma necessidade civilizatória.

Também teremos a responsabilidade histórica de lutar pela regulamentação da convenção 151 da oit, garantindo negociação coletiva e valorização dos servidores públicos brasileiros.

Porque servidor público também é trabalhador.

e não existe estado forte sem servidores valorizados.

também teremos que construir as bases para a aprovação do projeto unitário das centrais sindicais, garantindo o fortalecimento da negociação coletiva, a autorregulação e o financiamento sindical necessário.

Sempre lembrando que não existe política pública eficiente sem trabalhadores respeitados.

Essas serão batalhas centrais do próximo período.

E nenhuma delas será vencida com imobilismo.

Nenhuma delas será vencida com acomodação.

Nenhuma delas será vencida esperando que alguém faça por nós aquilo que nós mesmos deveríamos fazer.

Companheiras e companheiros,

e aqui eu quero falar de maneira muito franca com os dirigentes sindicais deste país.

Nós precisamos enfrentar um debate duro, mas necessário.

É verdade que a reforma trabalhista impôs um brutal estrangulamento financeiro ao movimento sindical brasileiro.

É verdade que muitas entidades ainda lutam diariamente para sobreviver.

É verdade que os ataques sofridos enfraqueceram estruturas históricas do sindicalismo.

Mas também é preciso dizer uma verdade que não pode mais ser ignorada:

Se a dificuldade financeira sufoca, a inércia e o imobilismo matam.

Matam entidades.

Matam sindicatos.

Matam representatividade.

Matam esperança.

Não podemos aceitar a lógica do “sempre foi assim”.
porque o passado não volta.

E quem ficar esperando o retorno do passado sepultará o futuro da própria entidade.

O mundo mudou.

As relações de trabalho mudaram.

A comunicação mudou.

Os trabalhadores mudaram.

E o movimento sindical também precisa mudar.

Nós sempre afirmamos — e continuaremos afirmando — a defesa intransigente da clt, da unicidade sindical, da representação erga omnes e do sistema confederativo brasileiro.

Não abriremos mão desses pilares históricos da organização sindical brasileira.

Porque sabemos o que significaria a fragmentação absoluta da representação dos trabalhadores.

Sabemos que destruir sindicatos é enfraquecer trabalhadores.

Sabemos que pulverizar entidades é fortalecer apenas o capital.

Mas também sabemos que defender nossas estruturas históricas não pode significar recusar a necessidade de reinvenção.

É preciso coragem para mudar métodos sem abandonar princípios.

Coragem para atualizar práticas sem renunciar à nossa identidade histórica.

Da mesma forma, precisamos enfrentar outra questão essencial: a sustentação financeira do sistema sindical.

A CSB sempre esteve na vanguarda ao afirmar que não é admissível a existência de centrais sindicais poderosas que tentem apagar os sindicatos.

Porque sindicato forte é a base da organização dos trabalhadores.

Mas também precisamos dizer, com a mesma franqueza, que não é admissível que sindicatos não contribuam para a sustentação das entidades de grau superior.

Se exigimos dos trabalhadores consciência sobre a necessidade inadiável de sustentar financeiramente suas entidades sindicais,

Também é necessário que dirigentes sindicais compreendam sua responsabilidade com federações, confederações e centrais sindicais.

Não existe representação nacional sem sustentação nacional.

Não existe organização estadual sem financiamento coletivo.

Não existe unidade sindical sem compromisso compartilhado.

O sistema sindical brasileiro precisa funcionar como sistema.

Solidário.

Integrado.

Cooperativo.

Estratégico.

Este encontro nacional também só se tornou possível graças ao apoio de entidades que compreendem a importância da construção coletiva do movimento sindical brasileiro.

Quero registrar nosso profundo agradecimento à Fenati — federação nacional dos trabalhadores em tecnologia da informação — na figura do seu presidente Emerson Morresi.

E também ao sindpd-sp, entidade que tenho a honra de presidir.

São entidades que compreenderam que investir na organização política e sindical é investir no futuro da classe trabalhadora brasileira.

E é justamente por isso que o movimento sindical precisa se renovar.

Precisa se preparar.

Precisa disputar consciências.

Precisa ocupar as redes.

Precisa formar lideranças.

Precisa dialogar com a juventude.

Precisa voltar a emocionar trabalhadores.

Precisa voltar a inspirar trabalhadores.

É preciso coragem para fazer mais.

Coragem para acreditar que é possível fazer diferente.

Coragem para se levantar mesmo depois das derrotas.

Coragem para construir novos caminhos.

E digo mais:

Aqueles que perderam a disposição de lutar, de construir, de inovar, de acreditar, de mobilizar e de sonhar, é preciso ter coragem, grandeza e compromisso com o movimento sindical para abrir espaço para a renovação e para a oxigenação.

Companheiras e companheiros,

andando pelo Brasil, organizando a CSB, visitando sindicatos, conversando com dirigentes, nós temos visto exemplos extraordinários.

Grandes dirigentes sindicais que decidiram se reinventar.

Entidades que estavam desacreditadas e voltaram a crescer.

Sindicatos que compreenderam que não existe receita pronta.

Não existe fórmula mágica.

Mas existe algo comum em todas as experiências vitoriosas.

Toda grande transformação começa com disposição.

Começa com coragem.

Começa com brilho nos olhos.

Começa com um sorriso no rosto e uma vontade inspiradora de fazer acontecer.

E é exatamente isso que eu vejo aqui neste encontro.

Porque quem está neste evento já está fazendo.

Ou, certamente, carrega dentro de si uma fagulha que quer fazer parte dessa transformação.

Uma chama que se recusa a aceitar a derrota.

Uma chama que acredita que ainda vale a pena lutar.

E se este encontro nacional servir para reacender essa chama em cada dirigente sindical aqui presente, então ele já terá cumprido o seu papel histórico.

Companheiras e companheiros,
a história nunca oferece garantias.

Mas ela sempre cobra posicionamento.

E a CSB escolheu seu lado.

Escolheu estar ao lado da democracia.

Ao lado da soberania nacional.

Ao lado do desenvolvimento.

Ao lado do trabalho.

Ao lado da indústria nacional.

Ao lado do povo brasileiro.

Nós não somos uma central criada para administrar derrotas.

Nós somos uma central criada para construir futuro.

E é com esse espírito que abrimos este encontro nacional.

Com coragem.

Com esperança.

Com unidade.

Com consciência histórica.

E com a convicção profunda de que nenhuma nação do mundo será justa, soberana e desenvolvida enquanto o trabalho não ocupar o centro do projeto nacional.

Muito obrigado.

Viva a CSB.

Viva a classe trabalhadora brasileira.

E viva o Brasil.